

## A repercussão da distinção saussureana entre *forma* e *substância* na teoria linguística de Hjelmslev

Fábio Luiz de Castro Dias<sup>1</sup>

Universidade Federal de Lavras, UFLA, Lavras, MG, Brasil

Marco Antonio Villarta-Neder<sup>2</sup>

Universidade Federal de Lavras, UFLA, Lavras, MG, Brasil

Helena Maria Ferreira<sup>3</sup>

Universidade Federal de Lavras, UFLA, Lavras, MG, Brasil

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir teoricamente, da perspectiva de uma comparação epistêmica, a influência da linguística de Ferdinand de Saussure [1857-1913] sobre o pensamento teórico de Louis Hjelmslev [1899-1965], um dos fundadores do Círculo Linguístico de Copenhague. Especificamente, o nosso escopo é a repercussão da distinção entre forma e substância elaborada pelo linguista genebrino na linguística hjelmsleviana, teoria em que o conceito de forma ocupa um lugar sistemático central. Com o intuito de isso realizar, partimos de uma sucinta definição dessa distinção na teoria linguística de Saussure, observando as razões da sua instituição, assim como uma parte dos seus fundamentos. Em seguida, buscamos compreender como essa diferenciação constitui sistematicamente o edifício epistêmico da teoria de Hjelmslev. Com este trabalho, esperamos trazer à tona, na nossa atual conjuntura, um conjunto de questões em torno de duas das mais importantes teorias da linguística geral do século XX.

**Palavras-chave:** Saussure; Hjelmslev; Linguística; Glossemática; Forma e substância.

**Title:** The influence of Saussurean distinction between form and substance in Hjelmslev's linguistic theory

**Abstract:** This article aims to discuss theoretically, from a comparative and epistemic perspective, the influence of Ferdinand de Saussure's linguistics [1857-1913] on the theoretical thought of Louis Hjelmslev [1899-1965], one of Copenhagen Linguistic Circle's founders. Specifically, its scope is the repercussion of the distinction between form and substance elaborated by the Genevan linguist in Hjelmslevian linguistics, a theory in which the concept of form

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Bolsista financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6755-1048>. E-mail: [castrodias.f.l@gmail.com](mailto:castrodias.f.l@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor Associado do Departamento de Estudos da Linguagem (DEL) da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Educação e Letras (FAELCH) da Universidade Federal de Lavras (UFLA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3857-3720>. E-mail: [villarta.marco@ufla.br](mailto:villarta.marco@ufla.br).

<sup>3</sup> Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Associada do Departamento de Estudos da Linguagem (DEL) da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Educação e Letras (FAELCH) da Universidade Federal de Lavras (UFLA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8749-5426>. E-mail: [helenaferreira@ufla.br](mailto:helenaferreira@ufla.br).

occupies a central systematic place. To accomplish this, we start with a brief definition of this distinction in Saussure's linguistic theory, observing the reasons for its institution, as well as part of its foundations. Next, we aim to understand how this differentiation systematically and epistemologically constitutes Hjelmslev's theory. With this work, we hope to bring to light, in our current situation, a set of questions surrounding two of the most important theories of general linguistics in the 20th century.

**Keywords:** Saussure; Hjelmslev; Linguistics; Glossematics; Form and substance.

## Introdução

Que a importância do pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure é uma certeza mais do que evidente, confirma-a sua persistência ao longo dos anos. Seja em sua forma particularmente autoral e autógrafa, como podemos atestar por meio de uma série de trabalhos exegéticos e historiográficos a respeito da sua teoria (Bouquet, 2000 [1997]; De Mauro, 2005 [1967]; Koerner, 1973) que foram surgindo a partir da década de 1950, seja em sua forma indireta, editada e sistematizada por Charles Bally [1865-1947] e Albert Sechehaye [1870-1946], apresentada no *Curso de linguística geral (CLG)* (2021 [1916]) – que, mesmo após mais de cem anos da sua publicação, ainda gera trabalhos analíticos, teóricos e historiográficos –, a reflexão teórica do linguista genebrino, desde então, vem aguçando e produzindo, positiva ou negativamente, o interesse e a reação de muitos pensadores e pesquisadores tanto das ciências da linguagem – da linguística e da semiótica, sobretudo – quanto das ciências humanas e sociais em geral (Dossé, 2018a, 2018b).

Entre os inúmeros linguistas em cujas teorias nos parece estar muito patente a influência epistêmica da linguística de Saussure, encontra-se o dinamarquês Louis Hjelmslev, um dos fundadores e um dos mais importantes colaboradores do Círculo Linguístico de Copenhague. Durante os muitos anos da sua atuação acadêmica e científica, Hjelmslev dedicou-se assiduamente a criticar a tradição linguística do século XIX, ao mesmo tempo que buscou fundar as bases da sua teoria geral sobre a linguagem, de maneira tal que ela procurasse passar ao largo, segundo os ideais e os objetivos expressos pelo próprio linguista dinamarquês (Hjelmslev, 2013 [1953]), de algumas características analíticas e teóricas das tendências filológicas e comparatistas da linguística novecentista, interpretadas por ele como erros e equívocos a serem evitados por toda e qualquer teoria linguística que se pretenda geral e universalmente válida.

Assim, com o intuito de fundamentar epistemológica e metodologicamente a sua linguística geral, nomeada por ele de *glossemática* (Hjelmslev, 2013 [1953]), filiou-se explícita mas criticamente a um conjunto de pressupostos teóricos do saussureanismo. Só pela sua relativa e crítica assunção da *natureza duplamente articulada da linguagem*, do conceito de *arbitrariedade* e do modelo científico em que a necessidade de uma teoria geral e *aprioristicamente arbitrária e independente* em relação aos fatos particularmente dados é a regra e de um *método precipuamente dedutivo*, bem como pela sua retomada do pressuposto do caráter puramente formal das línguas e da linguagem em sua organização sistêmica (Hjelmslev, 2013 [1953]), não só podemos, mas devemos sempre reconhecer Hjelmslev,

portanto, como um dos mais coerentes herdeiros do saussureanismo.

Tendo em vista a objetiva e incontestável influência saussureana sobre a teoria hjelmsleviana, intencionamos evidenciar, neste artigo, através de um recorte e de uma focalização particulares, uma parte da repercussão da linguística de Saussure na glossemática de Hjelmslev. Em especial, a nossa pesquisa se interessa pelo modo como a distinção saussureana entre forma e substância passou a integrar sistematicamente o plano epistêmico da teoria de Hjelmslev, tornando-se, ali, um dos pilares absolutamente centrais para a edificação e a manutenção da linguística geral proposta pelo linguista dinamarquês, especialmente no que se refere à sua vinculação ao importante conceito de *função*.

Para tanto, passamos por uma breve discussão a respeito da distinção entre forma e substância em Saussure, buscando a sua definição e os seus fundamentos através de uma articulação entre a teoria divulgada pelo *CLG* (2021 [1916]) e aquela autoralmente desenvolvida pelo genebrino, tanto de modo direto, por meio de uma referência a alguns textos dos *Escritos de linguística geral (ELG)* (2004 [2002])<sup>4</sup>, quanto de modo indireto, através das leituras de Bouquet (2000 [1997]). Em seguida, apresentamos, pelo menos em parte, o caráter geral da glossemática e a posição nuclear da diferenciação saussureana entre forma e substância na teoria hjelmsleviana, por meio da nossa leitura analiticamente teórica de alguns pontos de *Prolegômenos a uma teoria da linguagem (PTL)* (2013 [1953]), com remissões a outros escritos do linguista dinamarquês quando necessário. Com este artigo, esperamos mostrar, do ponto de vista de uma comparação epistêmica, a relevância incontestada do saussureanismo para uma das mais importantes teorias da linguística geral do século XX.

### **Definição e fundamentos da distinção entre forma e substância em Saussure**

No *CLG*, uma das significações teóricas necessárias, entre as muitas, à definição da distinção entre forma e substância é dada explicitamente no capítulo dedicado à questão do *valor linguístico*. A princípio, é um indício que possivelmente nos demonstra a necessária relação epistêmica, na configuração teórica da reflexão linguística do *CLG*, entre o conceito de valor e o caráter formal da *unidade linguística*, ou seja, do *signo* – e, conseqüentemente, da língua em sua totalidade, enquanto um sistema. Quando se refere à *ideia* e ao *som* como os elementos que entram em jogo no funcionamento do sistema da língua, Saussure trata de um problema ligado, primeiro, à formação e, segundo, à articulação dos componentes do *signo linguístico*. O *componente ideal* é um filete derivado da imensa e amorfa esfera do

---

<sup>4</sup> Para ser possível uma abordagem adequada, devido às suas complexidades, da definição e dos fundamentos da distinção entre forma e substância no pensamento linguístico de Saussure, cabe-nos cumprir uma articulação metodológica entre as suas reflexões apresentadas no *CLG* – portanto, concebidas, editadas e redigidas por Bally e por Sechehaye – e as suas concepções autorais, encontradas no *ELG*, uma vez que ambas as perspectivas se relacionam de um modo ou de outro, apesar das possíveis diferenças epistêmicas e formais que há entre ambas as obras, cuja causa se encontra justificada na transposição das ideias e das teses de Saussure para a configuração teórica do *CLG* pelo trabalho dos colegas do linguista genebrino. Ademais, a nossa atitude nos permitirá entender mais amplamente os problemas levantados pela discussão saussureana em torno dessa distinção tão cara e fundamental para a sua teoria, principalmente quando nos atentarmos para os textos do *ELG*.

*pensamento*, que, “[...] tomado em si mesmo, [...] é como uma nebulosa onde nada está necessariamente limitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (Saussure, 2021 [1916], p. 169). E o mesmo é dito pelo linguista genebrino no que se refere ao *elemento sonoro*:

A substância fônica não é mais fixa nem mais rígida que o pensamento; não é uma fôrma em que o pensamento deva necessariamente acoplar-se às formas, mas uma matéria plástica que se divide por sua vez em partes indistintas para fornecer os significantes de que o pensamento precisa (Saussure, 2021 [1916], p. 169).

Por si sós, o pensamento e o som, portanto, definem-se como *planos indefinidos* (Saussure, 2021 [1916]), em cujas superfícies devem incidir os modos de subdivisão da língua, para que se formem, assim, delimitações necessariamente recíprocas, o que parece indicar que aí está o princípio que institui a união sistemática entre um componente ideal e um componente sonoro, ambos integrantes do sistema linguístico: “cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus* em que uma ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia” (Saussure, 2021 [1916], p. 170).

Contudo, a junção entre ambos os componentes, afirma Saussure (2021 [1916], p. 170), “*produz uma forma, não uma substância*”. Trata-se de uma proposição axiomática cujo equivalente mais radical é uma outra, segundo a qual “[...] *a língua é uma forma e não uma substância*” (Saussure, 2021 [1916], p. 179). Ambas, no plano da teoria do CLG, são determinantes e fundamentais, enquanto proposições em que se efetiva uma síntese das argumentações e das teorizações centrais de Saussure, para a formação da definição geral do conceito de signo linguístico, assim como são constitutivas do conjunto de significações teóricas que definem epistemicamente as ideias que estabelecem os conceitos de forma e de substância – e, concomitantemente, das significações teóricas dos demais conceitos, princípios etc. da teoria saussureana aos quais eles se vinculam necessariamente.

Mas em que período do desenvolvimento da trajetória de Saussure na história da linguística se formou sua necessidade de instituição epistêmica da distinção entre forma e substância na sua linguística geral? E, ao mesmo tempo, a que tradições ele estava respondendo quando da instituição desses seus conceitos e quais retomou ao fazê-lo? Em qual *sentido teoricamente epistêmico* o conceito de forma é empregado pelo genebrino, em oposição ao de substância? E, por fim, quais são os seus fundamentos e os seus pressupostos?

Como origem da questão inteira para Saussure, a problemática relacionada à distinção entre forma e substância, que se encontra atrelada ao pressuposto da dupla articulação da linguagem (Saussure, 2021 [1916]), situa-se em um entre os diversos debates linguísticos do final do século XIX, no seio da linguística ali praticada. A tese saussureana, portanto, somente se torna, para a nossa compreensão, plenamente revestida do seu sentido teórico geral, dentro do seu complexo projeto epistemológico, quando nos atentamos, por um lado, ao momento da sua gênese e, por outro, ao fundamento e pressuposto subjacente à sua constituição e à sua defesa, qual seja: o do *caráter psicológico* ou *psíquico* das formas, isto é,

de ambas as faces da unidade linguística, assim como da língua em sua totalidade<sup>5</sup>. Trata-se de uma questão relacionada a uma polêmica em que Saussure tomou partido diretamente contra uma perspectiva defendida por uma parte da tradição linguística do século XIX.

Derivado da *querela das leis fonéticas* (Bouquet, 2000 [1997]), o debate em questão resvalava no problema da natureza do componente fonológico da palavra e, por conseguinte, da língua. De acordo com Bouquet (2000 [1997]), tratava-se de uma busca pela definição epistêmica do objeto da linguística comparatista. Consequentemente, toda essa discussão desembocava em uma outra ainda maior e mais complexa, relacionada ao estatuto epistemológico das ciências da linguagem, o que também se sintetizava na preocupação saussureana com relação ao lugar da sua ciência no seio das demais praticadas à sua época. Nas palavras de Bouquet (2000 [1997], p. 83-84),

O comparatismo criou um objeto inédito sob o sol das concepções da linguagem, embora isso não tenha se tornado imediatamente evidente: sua óptica permite que se considere a entidade *palavra* e a classe *língua*, que submete essa entidade, como realidades estritamente fonológicas, às quais dá corpo sua inscrição na História.

Ainda segundo o filósofo e linguista francês, a posição assumida por Saussure decorre de uma das configurações discursivas do seu projeto teórico, que é a da sua *epistemologia da gramática comparada* (Bouquet, 2000 [1997]). Ao submeter a questão concernente ao componente fonológico das línguas, o complexo e grande objeto descoberto pela gramática comparada<sup>6</sup>, à sua epistemologia de matriz galileana (Bouquet, 2000 [1997]) – ponto tocado por nós mais adiante –, Saussure voltou-se contra uma tentativa de solução proposta por alguns dos neogramáticos – representados, por exemplo, pela perspectiva de Karl Brugmann [1849-1919] e de Hermann Osthoff [1847-1909] – para o problema posto pelo comparatismo<sup>7</sup>,

---

<sup>5</sup> Esse pressuposto, que é uma tese complexa em cuja constituição se entrecruzam diferentes variantes, já vinha sendo defendido e fundamentado por outros linguistas da época, a cujas teorias Saussure se filiou de algum modo. Bouquet (2000 [1997]) indica alguns nomes muito importantes para a formação dessa teorização do genebrino e que nos ajudam a construir, do lado de cá, nosso entendimento do lugar da concepção saussureana na história da linguística. Entre os vários, são citados Hermann Paul [1846-1921], Eduard Sievers [1850-1932] e Ivan Baudouin de Courtenay [1845-1929]. Todos os três, de acordo com Bouquet (2000 [1997]), preconizaram o caráter psicológico ou psíquico da unidade linguística e, mais particularmente, do componente sonoro das línguas. Ainda segundo Bouquet (2000 [1997]), foi do pensamento desses linguistas que Saussure retirou, para a fundamentação da sua concepção, o pressuposto da natureza psicológica da língua. A diferença entre eles, no entendimento do filósofo e linguista francês, reside na clara consciência epistemológica desenvolvida pelo genebrino sobre a necessidade de definição do objeto das ciências da linguagem e, consequentemente, da sua natureza como um todo determinado, a partir das proposições de base das *configurações discursivas* do seu projeto teórico (Bouquet, 2000 [1997]), bem como sobre a imprescindibilidade, por conseguinte, de determinar o lugar da linguística entre as ciências do seu tempo.

<sup>6</sup> Na verdade, a importante descoberta do comparatismo refere-se ao “[...] fato empírico, gerador da gramática comparada, de que há mudanças fonológicas regulares [...]” (Bouquet, 2000 [1997], p. 85). Daí se formou o princípio das leis fonéticas, por meio do qual se buscavam determinar as *regularidades mecânicas* pelas quais se regeria a mudança do componente fonológico das línguas, entendido, à época, como um elemento de natureza puramente física e fisiológica.

<sup>7</sup> A origem da posição responsiva dos neogramáticos, como, por exemplo, a de Brugmann e Osthoff, encontra-se na sua recusa da concepção do *materialismo darwinista* sobre a natureza das línguas, cuja máxima expressão,

bem como se colocou na posição inversa à da associação de uma parte da linguística – particularmente, daquela referente ao estudo dos sons da língua – à esfera das ciências naturais<sup>8</sup>, por meio da compreensão das unidades sonoras, pelo princípio das leis fonéticas, como elementos de natureza puramente física e fisiológica (Bouquet, 2000 [1997]).

Esses neogramáticos, de acordo com Bouquet (2000 [1997]), assumiram e defenderam a tese da *natureza híbrida* da palavra e da língua: pelo seu lado semântico, são psicológicas, mas, pelo seu lado fonológico, são físicas. A consequência decorrente da sua concepção colocava a linguística, no que se refere à sua classificação e à sua determinação no seio das ciências em geral, sob suspensão, já que, graças à sua parte semântica, pertenceria à ordem das ciências do espírito e, graças à sua parte fonológica, à ordem das ciências da natureza – em especial, a uma física, àquela destinada a compreender a acústica dos sons. De acordo com Bouquet (2000 [1997], p. 86),

Ora, quando se recua um século [...], observa-se que a posição neogramatical e o debate suscitado por ela estão manchados de ambiguidade. o motivo dessa ambiguidade pode ser formulado da seguinte forma: se o fato da regularidade estipulado pelos neogramáticos é verídico (e ele o é por definição, no enunciado deles), sua análise deixa de lado o objeto epistemológico correspondente a esse fato. O objeto epistemológico escapa aos neogramáticos precisamente porque eles definem esse objeto como produto de uma ordem híbrida: ao mesmo tempo natural (“físico-mecânica”) e ordem espiritual (“psicológica”). Sendo o domínio psicológico o das exceções às mudanças físico-mecânicas, e sendo a lei físico-mecânica enunciada de maneira a ser irrecusável, segue-se que a controvérsia sobre as mudanças fonológicas se apóia unicamente sobre as exceções “psicológicas” às mudanças mecânicas.

Claramente alinhada, como mencionamos, a uma série de postulados preconizados por outros linguistas anteriores ou contemporâneos à sua atuação – como Courtenay e Paul –, a resposta de Saussure à sugestão teórica dos neogramáticos se tratou de uma reconfiguração absoluta do entendimento da natureza do componente fonológico das línguas. Saussure, através da sua epistemologia da gramática comparada – à sua época, inexistente, segundo Bouquet (2000 [1997]) –, criticou não só a proposta neogramatical, como evidenciou sobretudo a ausência de qualquer reflexão epistemológica sobre a natureza do objeto da linguística e sobre o estatuto das ciências da linguagem na maior parte do pensamento dos neogramáticos. Seguindo o seu caminho crítico e epistemológico, o linguista genebrino, então,

---

de acordo com Bouquet (2000 [1997]), era a teoria linguística de August Schleicher [1821-1868]. Na compreensão do filósofo e linguista francês, “no entender da época, as línguas, em seu conjunto, são como organismos autônomos, suscetíveis de uma história natural, mas os *Junggrammatiker* reagem a isso, sustentando que só o componente fonológico das línguas – mais ainda: apenas uma parte desse componente, a que depende de leis mecânicas – pertence a uma história natural, que, segundo eles, deve antes ser assimilada a uma física” (Bouquet, 2000 [1997], p. 86).

<sup>8</sup> Trata-se de uma posição decorrente do modo como essa tradição neogramatical, à qual se opôs Saussure, definiu o objeto da linguística. A parte sonora das línguas era vista por ela preferencialmente como uma unidade física e fisiológica, o que determinava a fonologia a tornar-se pertencente às ciências naturais por somente lidar com elementos não linguísticos – sons em seu caráter acústico e articulatório. Por conseguinte, restava à fonologia submeter-se às ciências naturais que conseguissem determinar o seu objeto, como a física.

afirmou a natureza psicológica da face fonológica das unidades linguísticas, em oposição à proposta neogramatical referida. Assim como o componente semântico, o fonológico encontra-se inserido, para Saussure, no cerne da *ordem do espírito* (Bouquet, 2000 [1997]), porquanto se trata de uma *representação psicológica ou psíquica* de uma unidade materialmente sonora. Por mais que se estructurem sobre um certo substrato de natureza física e fisiológica, os sons da língua, esta sistemicamente concebida e pressuposta, são *impressões psicológicas* ou de *sensações psíquicas*. É aí que se localiza o princípio da diferenciação entre forma e substância no concernente ao plano sonoro, e que fundamenta todo o caráter formal da unidade linguística. É, segundo Bouquet (2000 [1997], p. 93), “[...] uma distinção entre *substância* (fonética) e *forma* (fonologia): a distinção que fundamenta o caráter psicológico da realidade linguística considerada no plano fonológico”.

Com a sua tese, Saussure, portanto, concedeu não somente uma solução – no sentido de hipótese a validar-se segundo uma epistemologia de um objeto de natureza psicológica (os sons da língua) – à problemática postulada pelo comparatismo e renovada pela neogramática, como precipuamente ensejou uma resposta provisória à questão da natureza do objeto da linguística e à do possível lugar das ciências da linguagem no seio das demais – agora, uma ciência espiritual em sua totalidade. Isso nos mostra como o genebrino foi um epistemólogo consciente da sua atuação científica e preocupado com a estrutura e com o desenvolvimento da sua ciência. De um só golpe, determinou, assim, a natureza psicológica do objeto da linguística – tanto o componente semântico quanto o fonológico pertencem, agora, à ordem do espírito (Bouquet, 2000 [1997]) –, bem como a situou, por consequência, no interior do espectro complexo e vasto das ciências do espírito.

No conjunto sistemático que caracteriza a episteme da teoria linguística de Saussure, o pressuposto da natureza psicológica dos componentes do signo como a unidade linguística aparece, logo, como um ponto determinante e um fundamento gerador do conteúdo e do valor epistemológico definidores da distinção entre forma e substância na língua. Assim, a sua plenivalência é dada apenas se, ao conceito de forma, associarmos o pressuposto de que se trata de um elemento de natureza psíquica, isto é, de um *componente de natureza mental*. Nesse sentido, o que é formal, na língua, é psicológico ou psíquico. Por equivalência lógica e por definição epistêmica, a forma, seja fonológica, seja semântica, é psíquica. A substância, por sua vez, apresenta-se como o grande e amorfo espectro de que se deriva, por meio de um *recorte* estabelecido pela língua, uma dada forma e também como o seu substrato material, quando se trata do componente sonoro das línguas.

Se o pressuposto da natureza psicológica ou psíquica, instaurado, agora, como determinante e fundamental para a concepção saussureana de forma, não se apresentava como uma noção estranha, à época, quando se tratava do componente semântico das línguas<sup>9</sup>, o mesmo não poderia ser dito, de maneira tão radical, a respeito das concepções

---

<sup>9</sup> Como mencionamos de modo breve, era um pressuposto assumido explicitamente por neogramáticos como Brugmann e Osthoff, o que nos indica como o *significado* ou o *sentido* tradicionalmente era compreendido como um elemento da ordem do espírito, isto é, da esfera da razão ou da psique (Bouquet, 2000 [1997]).

concernentes à face fonológica das palavras e, por conseguinte, das línguas, apesar das até então recentes preconizações e discussões referentes a esse tema, por exemplo, nas obras de Courtenay e de Sievers (Bouquet, 2000 [1997])<sup>10</sup>.

Na teoria linguística de Saussure, há a assunção dessa tese de modo explícito. Em um excerto de sua autoria – provavelmente uma anotação –, o pressuposto dualista pelo qual se caracteriza, na concepção apresentada pelo *CLG*, o componente sonoro é apontado de maneira direta, mas não de forma livre de ambiguidades. Ao dizer que o *dualismo profundo* divisor da linguagem não se trata da oposição simplista entre o som e a ideia, Saussure (2004 [2002], p. 24) é epistemicamente objetivo: “o dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato ‘físico’ do som por oposição ao fato ‘mental’ da significação”<sup>11</sup>. E, na sequência, continua a nos dizer: “há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo<sup>12</sup> assim como a significação, um indissolúvelmente ligado ao outro” (Saussure, 2004 [2002], p. 24).

Tal dualismo profundo, que consiste em se determinar em um domínio interno – isto é, psicológico ou psíquico –, é a base epistêmica da distinção entre forma e substância na esfera da dupla articulação da linguagem. Enquanto se destaca e se distingue o componente semântico da língua – no fragmento acima, a significação – do plano geral das ideias para poder associar-se ao “signo” – isto é, nos termos do *CLG*, ao significante –, a mesma lógica

---

<sup>10</sup> Um exemplo: em um texto de 1895, nomeado *The Difference between Phonetics and Psychophonetics*, Courtenay (1972 [1895], p. 279, tradução nossa) já se pronunciava a respeito desse tema da seguinte maneira: “Fonema, o equivalente psicológico do ‘som’ físico, a verdadeira e reproduzível unidade fonética do pensamento linguístico”. Em outro texto seu, de 1899, retomou essa mesma ideia, mas de modo mais explicitamente definido: “Fonema (do grego φωνή, φώνημα, ‘voz’) é um termo da Ciência da Língua: é uma unidade fonética, *psiquicamente viva*” (Courtenay, 2020 [1899], p. 11, grifos nossos). Na continuação, Courtenay é ainda mais categórico, quando diz que, “em suma, os fonemas são *representações mentais*, não transitórias dos sons de uma língua, integradas a uma unidade” (Courtenay, 2020 [1899], p. 11, grifos nossos). O que apresentamos ali somente se torna mais um ponto que fortalece o argumento que corrobora como Saussure encontrava-se atento à produção científica da linguística da sua época. Isso nos confirma, também, o quanto a linguística saussureana é, na realidade, devedora das teorias dos seus contemporâneos, inclusive no que se refere às suas ideias e às suas teses principais.

<sup>11</sup> O termo *signo* aqui utilizado pelo genebrino pode levar-nos a uma confusão ou a um equívoco caso o tomemos segundo a definição “sintética” que é oferecida no *CLG*, livro em que é definido, na maioria das suas ocorrências, como uma unidade formada pela articulação entre significante e significado (Saussure, 2021 [1916]). Em grande parte, porém, do pensamento teórico de Saussure – seja em suas anotações, seja em suas aulas –, o seu conceito de signo, segundo Bouquet (2000 [1997]), encontra-se definido sob o desígnio da ambiguidade ou da flutuação. Isso se deu devido ao uso impreciso que o genebrino fez desse termo, em consonância com o caráter aberto e em desenvolvimento, à época, da sua reflexão linguística, durante a qual se dedicou incessantemente à busca de uma terminologia adequada para fixar as suas concepções. De acordo com Bouquet (2000 [1997], p. 228-229), “de um lado esse termo designa a entidade lingüística global composta de uma face fonológica e de uma face semântica; de outro lado ele designa apenas a face fonológica”. Na afirmação saussureana a que nos referimos anteriormente, somos levados a considerar, logo, que o termo *signo* tenha sido usado pelo genebrino como contendo o segundo *conteúdo epistêmico* apontado por Bouquet (2000 [1997]), isto é, como sinônimo da face sonora do signo ou, segundo o que é apresentado no *CLG*, no sentido de significante. O conhecimento desse ponto nos aclara muito o teor do que Saussure ali se propôs a discutir, além de nos ajudar a evitar conceber muitas inadequações em relação à sua teoria.

<sup>12</sup> Novamente, o termo *signo* é aqui usado no sentido de *significante*.



deve ser aplicada, portanto, ao elemento sonoro, cuja “significação distintiva” – o fato de se tornar significativo pela *relação diferencial* que estabelece com outros elementos da mesma ordem – é determinada ao *revestir-se de um valor no interior de um dado sistema linguístico*, na sua articulação com um significado determinado. Em outras palavras, um som produzido pelo aparelho fonador só se torna linguístico se – e somente se – for articulado a um significado, integrando-se à configuração sincrônica de uma língua enquanto um sistema.

Assim, a distinção entre fonema e fone, essencial nos estudos fonológicos e fonéticos de matriz estruturalista do século XX, fundamentou-se sobre a diferenciação entre forma e substância, pressuposta ou tematizada por uma parte da teoria linguística do século XIX, em que se incluem a reflexão de Saussure e a de Courtenay. Embora não se tratasse de uma posição absolutamente hegemônica nas ciências da linguagem do final desse período, vemos que a concepção da natureza psicológica ou psíquica do componente fonológico das línguas estava em debate – um debate em que, inclusive, tomou partido a perspectiva do linguista genebrino, como vimos. Como consequência, temos que, em Saussure (2021 [1916]), o signo linguístico, a *entidade concreta* da língua, é uma *unidade formal*. Quando asseveramos o caráter determinante e fundamental da distinção entre forma e substância para o conceito de signo, assim como para o conceito de valor e o de arbitrário ligados a ele, evidenciamos que a unidade linguística – um signo, denominado também, no *CLG*, de *termo* (Saussure, 2021 [1916]) – é aquela cujos componentes, o seu significante e o seu significado, são formas, não substâncias.

A união entre ambos só se torna possível quando cada um se encontra submetido, no interior de um sistema sincrônico, ao *jogo de valor*. Teoricamente, essa diferenciação é também determinante para a instituição da concepção do caráter arbitrário do signo, já que o que origina a articulação entre uma forma semântica – um significado – e uma forma fonológica – um significante – é o jogo de concorrência e de oposição característico da formação dos valores diferenciais dos quais se reveste cada um dos componentes do signo linguístico – assim como o signo em sua totalidade – que integram um dado sistema, seja através da *sintagmação*, seja através da *associação*, o que é definidor, conjuntamente, do valor da união entre uma forma semântica e uma fonológica. Logo, podemos entender que, segundo o genebrino, “*forma* implica: DIFERENÇA: PLURALIDADE [SISTEMA?]. SIMULTANEIDADE. VALOR LINGUÍSTICO” (Saussure, 2004 [2002], p. 36).

Essa afirmação de Saussure evidencia que o conceito de valor torna mais clara a distinção entre forma e substância na sua teoria linguística, bem como abre o campo de entendimento que nos permite a compreensão mais profunda – e adequada, presumimos – tanto do conceito de arbitrário quanto do de signo linguístico. Além do mais, a totalidade dessa discussão, de acordo com Bouquet (2000 [1997]), é decorrente da assunção saussureana do pressuposto fundamental da natureza psicológica ou psíquica das formas, já que o componente semântico e o componente fonológico passam a pertencer a uma *série finita*, que é a língua enquanto ínsita à *ordem do espírito*. Se, no plano do significado, essa assertiva não era tão avessa ao modo como era concebida tradicionalmente, à época, a

questão semântica, ela gerou, na teorização do plano fonológico da língua, uma consequência imediata, pois a face sonora do sistema linguístico passou a definir-se como “[...] diferencial por natureza” (Bouquet, 2000 [1997], p. 95). Como objeto espiritual, isto é, psicológico, o componente fonológico se torna, *epistemologicamente*, “[...] munido de um valor pertinente apenas para a ordem do espírito [...]” (Bouquet, 2000 [1997], p. 95), o que torna a entidade fonológica “[...] imaterial e única, mesmo que sua existência se fundamente na atribuição de um valor psicológico às *substrata* físicas múltiplas” (Bouquet, 2000 [1997], p. 95).

Por isso, o conceito de valor, para o nosso entendimento, torna-se também mais elucidado se admitirmos o pressuposto do caráter psicológico ou psíquico dos componentes da unidade linguística como um todo. Concomitantemente, ela só é plenamente desenvolvida quando a associamos ao conceito de arbitrário. Como sabemos, à relação entre as formas do signo linguístico impõe-se a arbitrariedade, pois é determinante para que o jogo de valor fundado na oposição e na diferença dela resultante se instaure (Saussure, 2021 [1916]). Caso contrário, cada unidade seria *positiva*, isto é, conteria, em si mesma, a totalidade do seu valor independentemente das relações sistêmicas, o que significaria que, entre as formas de um signo, haveria uma união necessária – ou seja, a relação entre ambas seria motivada por um valor não relacional, mas *dado*. Se assim fosse, tornar-se-ia impossível conceber a arbitrariedade do signo, tanto interna – no interior do signo, entre o seu significante e o seu significado – quanto sistêmica – entre os signos, entre os significantes, entre os significados e entre os significantes e os significados no interior de uma dada língua. Assim, como diz Saussure (2004 [2002], p. 36), a forma não é

[...] uma certa entidade *positiva* de uma ordem qualquer, e de uma ordem simples; mas a entidade ao mesmo tempo *negativa* e *complexa*; que resulta (sem nenhuma espécie de base material) da *diferença* com outras formas, COMBINADA à *diferença* de significação de outras formas.

O valor é determinante, portanto, do modo de união entre as formas de um signo. Mais ainda: do ponto de vista teórico, é o motivo epistêmico e a justificação da formação e da existência, na teoria saussureana como um todo, do conceito de forma, pois se trata de uma concepção teórica que busca explicar o processo de transformação de uma substância em uma forma, o que ocorre, como apontamos, quando a língua exerce um corte formal sobre os planos amorfos da ideia e do som. Nesse processo, temos que “*o sentido de cada forma, em particular, é a mesma coisa que a diferença das formas entre si. Sentido = valor diferente*” (Saussure, 2004 [2002], p. 30). Seguindo nesse viés, Saussure (2004 [2002]) ainda menciona que uma forma jamais pode ser “[...] separada de sua oposição com outras formas simultâneas” (Saussure, 2004 [2002], p. 31), pois é a diferença que engendra o fato da existência da forma, já que é ela mesma a marca do valor determinante do seu pertencimento a um sistema. Mais exatamente, o sentido sistêmico de uma forma é o seu valor. Em outras palavras, é a sua posição relativa a outras no interior da língua.

Toda essa concepção complexa do genebrino se reflete em diversos momentos da

discussão linguística do *CLG*, que foi a responsável pela divulgação – fidedigna ou não – da distinção saussureana entre forma e substância e do conceito de valor a ela relacionado, que é apresentado, na conjuntura teórica da linguística saussureana, como um dos mais importantes fundamentos e pressupostos da diferenciação referida. A centralidade do fato determinante do valor para a instituição dos componentes do signo linguístico – das formas, portanto – é indicada, aliás, no seguinte trecho da vulgata de 1916:

[...] na língua só existem diferenças *sem termos positivos*. Quer se tome o significado ou o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons que preexistiriam ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas advindas desse sistema. O que há de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos do que o que há em torno dele nos outros signos (Saussure, 2021 [1916], p. 177).

Sem a assunção, pela nossa parte, tanto do pressuposto da natureza psicológica ou psíquica da forma – o que não é apresentado de modo profundamente claro no *CLG* – quanto da fundamentalidade determinante do conceito de valor para a sua instituição, a distinção saussureana entre forma e substância se tornaria, para a nossa compreensão, nebulosa ou pouco relevante, bem como não nos ajudaria a perceber mais adequadamente o verdadeiro sentido da sua repercussão nas teorias linguísticas subsequentes. Somente quando nos dedicamos a estabelecer as devidas relações sistemáticas entre os componentes mencionados, podemos realizar a tarefa de entender a profundidade e a complexidade de uma tese muitas vezes admitida interpretativamente como simplista ou errônea.

E o que vemos aqui é um Saussure apresentado, principalmente nos seus textos autorais, como um importante continuador de uma série de discussões teóricas ensejadas pela linguística do século XIX, para as quais muito contribuiu de modo absolutamente idiossincrático graças à sua aguda consciência epistemológica. Essas questões nos ajudam, inclusive, a reconfigurar a nossa compreensão do seu lugar na história da linguística. No todo, a importância de Saussure, nesse debate, não foi, portanto, a de conceber por si mesmo uma noção definitivamente inovadora, mas sim a de buscar sistematizá-la de acordo com o seu entendimento do fenômeno linguístico, um entendimento que se tornou um dos pilares principais sobre os quais se estruturou uma parte considerável dos postulados das ciências da linguagem do século XX, sobretudo nas vertentes em que se tomou como um pressuposto, em uma ou mais das suas orientações, a concepção da natureza formal dos componentes das unidades linguísticas, caso da teoria linguística de Hjelmslev a que nos dedicaremos agora. No final, em relação a toda essa discussão, tendemos a concordar com Bouquet (2000 [1997], p. 96), para quem “a incontestável originalidade do linguista genebrino reside em ter chegado com sucesso a uma síntese epistemológica de conceitos metodológicos esparsos”.

### **A glossemática e a distinção entre forma e substância na teoria de Hjelmslev**

A teoria hjelmsleviana da linguagem, principalmente no que se refere à sua filiação aos

pressupostos e aos fundamentos epistemológicos da linguística saussureana, foi sobremodo sistematizada pelo seu autor. Esse caráter sistemático do seu pensamento linguístico nos permite entendê-lo como um linguista consciente tanto do modo de estruturação da sua atividade científica – isto é, da sua prática analítica e reflexiva no interior do seu campo de conhecimento – quanto da maneira pela qual buscava determinar como a sua ciência precisaria constituir-se em seus aspectos epistemológicos e metodológicos gerais, para, assim, instituir-se como autônoma e, ao mesmo tempo, como situada entre as demais.

Em concomitância, os seus esforços, evidentemente refletidos no alto grau de rigorosidade das suas definições teóricas, são, segundo a nossa visão, as concretizações da sua busca por certos meios para fazer a sua teoria desvencilhar-se do que compreendia ser os erros e as ambiguidades das tradições, principalmente daquelas comumente denominadas filológica e comparatista, perspectivas que dominaram uma parte essencial da linguística do século XIX. Prova, também, do exercício da sua aguda consciência epistemológica é que, através disso, sempre objetivou determinar a natureza dos objetos da sua linguística por meio da construção de uma metodologia – por exemplo, *princípio de análise e forma de análise* (Hjelmslev, 2013 [1953]) – que pudesse estabelecer as formas através das quais a ciência da linguagem conseguisse delimitá-los precisamente. Não à toa, a totalidade do seu pensamento teórico veio a se intitular de maneira singular na história da linguística, nomeando-se glossemática.

Essa teoria, em suas linhas principais, buscou postular uma maneira geral de abordar os fenômenos da linguagem humana, sempre à procura de tomá-la como um *finem in seipso* (Hjelmslev, 2013 [1953]). E, para alcançar a sua finalidade, fundamentou-se sobre um *modelo epistemológico* e um *dedutivismo* bastante característicos da *tradição galileiana*<sup>13</sup> que também muito marcou o saussureanismo (Bouquet, 2000 [1997]). Todos esses pontos aos quais nos referimos se encontram, principalmente, em seu livro *PTL* (2013 [1953]). Ali, com a sua louvável capacidade de síntese, o linguista dinamarquês nos oferece, antes de nos conduzir pelo núcleo principal da sua teoria, todo um conjunto preliminar de reflexões epistemológicas e metodológicas, bem como nos dá um breve levantamento do estado dos estudos linguístico até ali desenvolvidos. Ao se referir à relação complexa – e, às vezes, problemática – entre os estudos e as teorias da linguística e as principais vertentes ou tendências epistemológicas ou gnosiológicas de compreensão da fonte ou da origem do conhecimento, com os seus métodos e os seus pressupostos, como o empirismo, Hjelmslev (2013 [1953]), ao rejeitar algumas propostas e estabelecer outras, preparou criticamente o

---

<sup>13</sup> Instituída com a reflexão científica e filosófica de Galileu Galilei [1564-1642] (Koyré, 2011 [1955]), essa tradição, grosso modo, reflete-se sobretudo no princípio inalienável de utilização, nas ciências em geral, de um *método dedutivo*, que fundamenta a instituição de uma teoria que seja apriorística, ou seja, independente dos fatos particulares a que se deve dedicar, mas que seja, ao mesmo tempo, capaz de adequar-se a eles, isto é, que seja aplicável à análise e à experimentação desses fatos. Trata-se de uma forma de racionalismo científico que se regula pela experiência, ao tentar ser adequada à realidade empírica. De acordo com Bouquet (2000 [1997]), esse galileanismo foi o que fundamentou a epistemologia da gramática comparada exercida por Saussure, que se encontra manifesta e postulada nos seus escritos autorais. Em menor grau, o fundamento galileano do pensamento saussureano acabou se refletindo no *CLG*.

caminho das suas próprias teorizações, seguindo a sua epistemologia da linguística geral.

Uma das suas mais impactantes opiniões científicas reverbera na sua oposição às formas tradicionalmente empiristas de estudo e de tratamento dos fenômenos linguísticos. Sem negar uma certa validade ao caráter empírico de alguns métodos das ciências da linguagem, Hjelmslev (2013 [1953]) propõe um abandono criticamente relativo do procedimento indutivo pressuposto por uma parte dessa tendência. Na sua teoria, o *método empírico* tem um papel importante apenas quando se trata da análise de um dado fato particular de linguagem, e não como um procedimento sintetizador de particularidades com vistas à instituição de um conceito geral. E, na realidade, sua função ali é secundária, porquanto se apresenta como necessário apenas para a instituição de barreiras metodológicas à possível ocorrência de contradições internas à análise e à descrição dos fenômenos linguísticos. Também é imprescindível para estruturar uma relativa *exaustividade* da análise de um objeto (Hjelmslev, 2013 [1953]).

Contudo, Hjelmslev (2013 [1953]) afirma que o método estritamente indutivo é insuficiente para a concepção de uma reflexão linguística geral porque se prende demasiadamente àquilo que é específico em cada língua. Segundo o linguista dinamarquês (Hjelmslev, 2013 [1953]), para que se torne possível a instituição de uma teoria geral e universalmente válida nos estudos linguísticos, capaz de abordar todas as línguas e todas as formas da linguagem humana – e isso nos soa como uma repercussão do *projeto semiológico* preconizado por Saussure (2002 [2004], 2021 [1916]) –, faz-se necessário ao cientista da linguagem que opere com o método dedutivo. Como orienta Câmara Jr. (2021 [1975], p. 244), “o caráter dedutivo da teoria da *glossemática* jaz no princípio da ‘arbitrariedade’, isto é, sua independência de qualquer experiência, e da ‘adequação’, ou seja, sua aplicabilidade a dados empíricos, ou, em outras palavras, a línguas concretas”.

O trabalho do linguista deve partir, portanto, de toda uma teoria aprioristicamente concebida e ser geral em relação ao fenômeno particular a que se dedica. A reflexão teórica deve ser precedentemente instituída para constituir-se como um meio constitutivo e regulador da análise. É nesse sentido que a glossemática é uma “teoria que procura a estrutura específica da linguagem com a ajuda de *um sistema de premissas exclusivamente formais* [...]” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 7, grifos nossos). Além do mais, tudo deve ser estabelecido em relação à possibilidade de que o trabalho linguístico consiga obter, pela investigação de um determinado fenômeno, um resultado linguisticamente válido apenas se for regulado teoricamente, isto é, que não seja apenas a apresentação de uma particularidade sintetizada e generalizada pela indução, mas a instituição de uma descrição a partir de uma concepção geral capaz de subsidiar outras análises empíricas do mesmo fenômeno em outras línguas ou em outros sistemas semióticos.

Logo, o intuito do linguista dinamarquês era o de fundar uma teoria geral apropriada à revelação e à descrição da complexa lógica de funcionamento da linguagem humana que não se esbarasse no erro constante da tradição de, por meios indutivos, criar conceitos que não pudessem aplicar-se à análise de fenômenos gerais da linguagem e de todas as línguas e

fundamentar toda e qualquer experiência. O método preconizado pelo linguista dinamarquês, assim, é duplamente orientado: é, ao mesmo tempo, dedutivo e empírico, porque necessita que a postulação teórica aprioristicamente instituída busque adequar-se e realizar-se dedutivamente na análise e na experiência (Hjelmslev, 2013 [1953]), e isso o faz, em sua mais profunda estrutura epistemológica, caracterizar-se como sobretudo um representante metodológico da tendência dedutivista nas ciências da linguagem. Em síntese, “a ideia inicial de Hjelmslev, tal como a de Sechehaye e Brøndal, era elaborar uma gramática geral, construída dedutivamente, que pudesse executar, em nova base científica, o desejo da gramática filosófica do século XVII” (Camara Jr., 2021 [1975], p. 244).

Assim, cabe ao linguista proceder, se seguir os princípios da teoria hjelmsleviana, do geral ao particular, do todo às partes e da teoria à experiência. Logo, precisa partir de uma *classe*, isto é, de um fenômeno como um todo – como “[...] do *texto* em sua totalidade absoluta e não analisada” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 14) –, em direção aos *componentes* que a estruturam, os elementos que constituem, em nível hierarquicamente inferior, a referida classe (o todo) (Hjelmslev, 2013 [1953]), *testando* o que aprioristicamente fora estabelecido pela teoria. Se cada componente for estruturado por outras unidades, torna-se uma classe passível de divisão e de decomposição analítica, e assim por diante. Nesse sentido, o dedutivismo hjelmsleviano é uma das mais concretas marcas da herança galileana, pela qual se caracteriza a epistemologia saussureana tão bem comentada por Bouquet (2000 [1997]), tanto do ponto de vista da sua proposição de um certo apriorismo pelo qual precisa definir-se toda teorização geral sobre a linguagem, o que decorre da assunção do princípio da precedência da teoria em relação à análise e à experiência, quanto do ponto de vista da sua afirmação de que toda descrição, procedente de uma análise empiricamente direcionada, deve regular-se pelos esquemas teóricos previamente instituídos pela teoria<sup>14</sup>.

Mas, para entendermos como se deu a repercussão – e qual foi o seu impacto – da distinção saussureana entre forma e substância na teoria glossemática hjelmsleviana, cabe-nos uma retomada, mesmo que parcial – sem qualquer pretensão de esgotamento analítico –, das definições de alguns componentes sistemáticos que constituem a episteme da sua reflexão, principalmente daqueles que integram, de modo direto, a *teia relacional* em cujo centro se encontra o uso particular feito pelo linguista dinamarquês da mencionada diferenciação estabelecida por Saussure.

---

<sup>14</sup> Por essas razões, a glossemática é, no que se refere ao eixo epistemológico de que derivaram muitos pontos científicos da sua teoria, um dos descendentes da epistemologia galileana do saussureanismo, o que se reflete, não sem dissonâncias, em inúmeras referências de Hjelmslev à linguística de Saussure apresentada no *CLG* – como o seu artigo sobre a dicotomia entre língua e fala (Hjelmslev, 1959 [1953]) e o seu escrito sobre a diferenciação entre forma e substância (HJELMSLEV, 1973 [1939]) –, assim como menções suas ao genebrino como aquele teórico que “[...] merece ser citado como pioneiro indiscutível [...]” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 5). Essa relação é amplamente assumida por importantes cientistas da linguagem, como Oswald Ducrot [1930] e Tzvetan Todorov [1939-2017], segundo os quais “Hjelmslev considera, antes de tudo, duas afirmações do *Cours*: 1) a língua não é uma substância, mas, sim, uma forma; 2) toda língua é concomitantemente expressão e conteúdo” (Ducrot; Todorov, 1972, p. 27, tradução nossa). Todas as concretas ou possíveis relações entre a teoria do genebrino e a do dinamarquês podem ser alvo de trabalhos epistemológicos e historiográficos futuros. Aqui, abordaremos apenas aquela que se refere à distinção entre forma e substância.

Conquanto a distinção entre forma e substância constitua essencialmente a teoria hjelmsleviana apresentada no *PTL* (2013 [1953]), obra em que, de fato, essa diferenciação ocupa um lugar central, ela já fora abordada pelo linguista dinamarquês em um outro texto seu, publicado primeiramente em 1939, chamado *Forme et substance linguistique*, e que compõe o livro *Essais linguistiques II* (1973). Nesse pequeno escrito, Hjelmslev, ao se remeter diretamente à proposição do *CLG* segundo a qual a língua é uma forma e não uma substância, possibilita compreender os pontos nucleares da sua leitura – de adesão, sobretudo – da distinção entre forma e substância, assim como mostra já o grau de autenticidade da sua interpretação ao vincular a forma à *função* e ao estabelecer que a substância é dependente da forma, princípios que, em conjunto, ajudaram a diferenciar, junto com a ausência de qualquer menção ao pressuposto saussureano da natureza psíquica ou psicológica da forma, a sua teoria glossemática da linguística de Saussure. Segundo as palavras do linguista dinamarquês,

*M. Hjelmslev, tomando como ponto de partida a doutrina de F. de Saussure (especialmente no Curso 157, 169), discute a relação entre forma linguística e substância e apresenta a teoria 'glossemática' que desenvolveu em várias publicações recentes. Com base no princípio da arbitrariedade do signo, ele sustenta que a forma linguística é independente da substância em que se manifesta, e que a forma só pode ser reconhecida e definida ao se abstrair da substância e ao se colocá-la no plano da função (Hjelmslev, 1973 [1939], p. 99, tradução nossa)<sup>15</sup>.*

Como mencionamos, nessa primeira referência de Hjelmslev à distinção entre forma e substância, um dos maiores aspectos diferenciadores da teoria glossemática em comparação com a reflexão linguística de Saussure, segundo a nossa visão, é a questão da função, que se define, no sentido ali proposto, como uma *relação sistematicamente articulada* em que toma parte um determinado elemento formal de um sistema linguístico, em um dado segmento. Esse aspecto, então, parece-nos tornar-se absolutamente fundamental para que se institua epistemicamente, na teoria glossemática hjelmsleviana, a definição sistemática do conceito de forma, como veremos com mais profundidade a seguir. Na mesma direção, ao se referir ao procedimento de comutação que se realizava comumente na linguística da sua época, especialmente na fonologia – procedimento ainda bastante usado hoje, aliás –, o linguista dinamarquês afirma ainda que nada mais se comprova, por ele, do que o caráter funcional de uma dada forma, já que seria a comutação “[...] um teste puramente funcional e independente de uma substância particular; decorre daí que as unidades obtidas por meio desse teste não devem ser definidas por critérios de substância, mas por critérios de função [...]” (Hjelmslev,

---

<sup>15</sup> No original: “*M. Hjelmslev, en prenant son point de départ dans la doctrine de F. de Saussure (surtout Cours 157, 169), discute les rapports entre forme et substance linguistiques, et présente la théorie « glossématique » qu’il a développée dans quelques publications récentes. En s’appuyant sur le principe de l’arbitraire du signe, il soutient que la forme linguistique est indépendante de la substance dans laquelle elle se manifeste, et que la forme ne peut être reconnue et définie qu’en faisant abstraction de la substance et en se plaçant sur le terrain de la fonction*”.

1973 [1939], p. 99, tradução nossa)<sup>16</sup>.

Ou seja, se os elementos fonológicos obtidos pelo método de comutação se especificam pelo seu aspecto funcional, isso significa que esses componentes se definem, em sentido amplamente saussureano, em termos *discretos* e opositivos e estão particularmente vinculados aos tipos de relação em que tomam parte, tanto verticalmente, no interior de um sistema – em definições do *CLG*, no plano associativo –, quanto horizontalmente, nas oposições sintagmáticas particulares, possíveis ou efetivamente estabelecidas. Assim, novamente, o que determina, na perspectiva linguística hjelmsleviana, a realidade do elemento linguístico não é a sua ocorrência ou a sua realização enquanto uma substância, mas o seu aspecto formal, que é intrinsecamente determinado pelo seu caráter funcional, sistematicamente relacional. Se assim de fato é, temos, pensa Hjelmslev (1973 [1939]), antes de qualquer possibilidade de experiência com um elemento empírico – no caso, uma substância – por meio de uma apreensão indutivista, a necessidade de instituição de um método regulador estritamente dedutivo, o único de fato válido para se lidar com o aspecto formal da linguagem, já que, de acordo com o segundo princípio que o diferencia de Saussure, “[...] a substância não é senão reconhecida através de uma forma” (Hjelmslev, 1973 [1939], p. 100, tradução nossa)<sup>17</sup>.

Portanto, nesse pequeno texto, uma das preocupações mais importantes da teoria glossemática de Hjelmslev aparece sintetizada primeiramente no conceito de função, que, logo em seguida, foi mais profundamente especificado pelo linguista dinamarquês, sobretudo no *PTL*, para poder se referir à *expressão* e ao *conteúdo* semióticos, uma designação capaz de abarcar o fato total da *significação*, que é o que caracteriza a linguagem humana em geral, segundo a perspectiva da sua glossemática. Assim, a *função semiótica* (Hjelmslev, 2013 [1953]) se torna o fundamento geral do ponto para o qual convergem o interesse e a compreensão de Hjelmslev do que seria um dos principais objetos analíticos da linguística, em que se efetivam as funções como as relações características de uma língua enquanto um sistema formalmente funcional: o *processo* ou, mais claramente, o *texto* (Hjelmslev, 2013 [1953])<sup>18</sup>.

No que se refere ao conceito de forma, vemos, então, que um dos mais essenciais e profundos deslocamentos estabelecidos pela teoria hjelmsleviana em relação à tradição saussureana encontra no conceito de função a sua guarida. Mas o que, de fato, seria uma

---

<sup>16</sup> No Original: “[...] une épreuve purement fonctionnelle et indépendante de la substance particulière; il s’ensuit que les unités dégagées au moyen de cette épreuve ne sont pas à définir par des critères de substance mais par de critères fonctionnels [...]”.

<sup>17</sup> No original: “[...] la substance ne se reconnaît qu’a travers une forme”.

<sup>18</sup> O processo, para Hjelmslev (2013 [1953]), é uma certa forma de concretização do sistema, do qual é totalmente dependente. O sistema é posto pelo linguista dinamarquês como uma “[...] condição necessária para a existência de um processo. O processo só existe em virtude do sistema subjacente que o governa e que determina sua formação possível. Não seria possível imaginar um processo sem um sistema por trás dele porque neste caso tal processo seria inexplicável, no sentido absoluto da palavra” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 44). Além disso, ele se refere ao processo, em seu caráter geral, como “[...] um texto ilimitado ou produtivo (uma língua viva, por exemplo)” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 50).



função? Segundo a definição abstrata e genericamente sintética do *PTL* (2013 [1953], p. 39), “uma dependência que preenche as condições de uma análise será denominada *função*”. O que significa: uma função é, como adiantamos, uma decorrência de toda e qualquer forma de relação e de dependência entre dois ou mais elementos, que se denominam, por sua vez, *funtivos* (Hjelmslev, 2013 [1953]). Na teoria glossemática hjelmsleviana, o que pode ser compreendido como funtivo é um conjunto muito abrangente de elementos: basicamente, toda e qualquer unidade linguística que, sistêmica e processualmente, estabelece uma relação formalmente funcional com outras, com vistas à instituição de uma função.

Se uma função é uma dependência, segue-se daí que os seus termos, que contraem entre si uma relação de natureza funcional, são ligados tanto um ao outro quanto à sua respectiva função: “desse modo, diremos que há função entre uma classe e seus componentes (entre uma cadeia e suas partes, entre uma [sic] paradigma e seus membros), do mesmo modo como há função mútua entre os componentes (partes e membros)” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 39). Aqueles funtivos que se caracterizam como absolutamente necessários para a instituição dos demais com os quais contraem uma função se denominam *constantes* (Hjelmslev, 2013 [1953]). Por sua vez, aqueles, segundo Hjelmslev (2013 [1953]), que não o são se chamam *variáveis*. O linguista dinamarquês diz ainda que uma função pode tornar-se um funtivo caso contraia com outra uma função hierarquicamente superior (Hjelmslev, 2013 [1953]). Já aquele “[...] funtivo que não for também uma função será denominado *grandeza*” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 39).

Hjelmslev (2013 [1953]) orienta ainda no sentido de que a dependência que fundamenta a existência de uma função gera sempre uma implicação entre dois ou mais funtivos, tanto no nível sistêmico da língua quanto no nível processual do texto – e este nada mais é do que a realização efetiva de uma dada configuração sistêmica. No primeiro, a função é dada disjuntivamente, já que os termos da dependência instituída se implicam sob a forma de uma correlação, enquanto, no segundo, a função é estabelecida, de modo prioritário, conjuntivamente, dado que os funtivos se implicam sob a forma de uma relação ou de uma conexão (Hjelmslev, 2013 [1953]), mas em uma remissão contínua às correlações, uma vez que são necessárias para a determinação da ocorrência das conexões no interior do processo. Em todos os níveis, o que impera, assim, é uma ideia de relação entendida em termos de vínculo funcional, isto é, em termos de uma função que integra o nível sistêmico e o processual, articuladamente. Adicionalmente, devemos nunca nos esquecer de que, como mencionamos anteriormente, a teoria glossemática se propôs a fundar, segundo o que diz Hjelmslev (2013 [1953]), as bases de uma concepção para a abordagem do fenômeno geral da linguagem humana, sobretudo a partir da análise de processos de um determinado sistema, o objeto principal da glossemática postulada no *PTL*. É por isso que o seu interesse se fixou na função semiótica, que é o fato da significação determinante da linguagem em sua totalidade. Isso porque, de acordo com Camara Jr. (2021 [1975], p. 244), “Hjelmslev não associa sua teoria a línguas orais, mas antes a encara como algo independente de qualquer substância”. É nesse sentido, portanto, que a expressão é vista, na linguística hjelmsleviana,

como um elemento estritamente formal, que independe da substância particular em que se realiza, como passaremos a evidenciar agora.

Como viemos mostrando aos poucos, a função semiótica, tal como ela é definida epistemicamente no quadro teórico do *PTL* (2013 [1953]), institui-se por meio de uma solidariedade entre funtivos, necessariamente. Hjelmslev (2013 [1953]) propõe-se a discutir essa questão à procura de determinar se *a linguagem é um sistema de signos*, seguindo o que postulara Saussure (2021 [1916]). A fim de definir, então, o que é a linguagem, passa a analisar as duas principais definições de signo mais correntes nas ciências da linguagem da sua época, uma dada pela tradição – *aristotélica*, diríamos –, segundo a qual *todo signo é signo de alguma coisa*, e outra dada pelo saussureanismo, de acordo com a qual *o signo é uma solidariedade entre significante e significado*. Para se decidir sobre qual dessas definições pode servir à sua teoria da linguagem, o linguista dinamarquês se norteia pela sua ideia de função semiótica, que é aquela que caracteriza o signo como *uma unidade de significação formalmente instituída por uma relação funcional entre a expressão e o conteúdo*. Decorre daí que, para Hjelmslev (2013 [1953]), se um signo é sempre uma articulação dependente entre esses dois planos, não só as palavras podem definir-se como tal, mas também outras unidades menores, como os morfemas, e maiores, como os sintagmas e as frases. Para o linguista dinamarquês, toda unidade linguística, portanto, que é uma articulação entre expressão e conteúdo é um signo. Às sílabas e aos fonemas, Hjelmslev (2013 [1953]) dá o nome de *figuras*, as quais “[...] não são expressões de signos, mas apenas partes das expressões de signos” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 51).

Seja do ponto de vista do sistema, seja do ponto de vista do processo, a função semiótica só pode efetivar-se se – e somente se – houver uma interdependência entre dois funtivos constantes, indispensáveis e, portanto, estruturalmente necessários para a instituição de todo e qualquer fato de significação. Esses funtivos, que se apresentam como *grandezas* (Hjelmslev, 2013 [1953]), são expressão e conteúdo. No sentido que propõe Hjelmslev (2013 [1953], p. 54), “uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão”. Não há, para o linguista dinamarquês, qualquer possibilidade de se conceber a função semiótica senão por meio da relação funcional entre esses dois planos. De acordo com as suas palavras, “não poderá haver função semiótica sem a presença simultânea desses dois funtivos, do mesmo modo como nem a expressão e seu conteúdo e nem um conteúdo e sua expressão poderão existir sem a função semiótica que os une” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 54). Como uma reconfiguração terminológica do par formado por significante e significado da linguística saussureana, expressão e conteúdo se referem às duas faces em que se realiza a linguagem humana e, conseqüentemente, toda língua particular.

E é aí que repercute, com mais veemência, a distinção saussureana entre forma e substância. No capítulo denominado *Expressão e conteúdo* do *PTL* (2013 [1953]), encontramos claramente a retomada relativa e a reformulação hjelmslevianas dos conceitos de forma e de substância da linguística de Saussure, sem qualquer referência, porém, ao pressuposto da

natureza psicológica que caracteriza a definição do conceito saussureano de forma. Concomitantemente à apresentação do seu ponto de vista, o linguista dinamarquês retoma, reformula e amplia a discussão que fizera em seu texto de 1939, com algumas críticas à concepção de Saussure. Logo após citar diretamente a proposição saussureana em que é apresentada a ideia de que o pensamento e o som nada mais são, por si mesmos, do que massas amorfas, Hjelmslev (2013 [1953], p. 55) diz: “[...] Saussure aventurou-se a considerar a expressão e o conteúdo, tomados separadamente, sem se ocupar com a função semiótica”.

Segundo o seu entendimento, essa desconsideração – que, do nosso ponto de vista, precisa ser relativizada – em relação à função semiótica – ou, em nossos termos, em relação ao fato constitutivo da significação linguística que determina tanto a expressão quanto o conteúdo – poderia ensejar uma abordagem dos planos da expressão e do conteúdo como se fossem independentes um do outro, o que daria uma abertura para se pensar que a língua pudesse ser analisada por quaisquer um desses planos separadamente (Hjelmslev, 2013 [1953]). E, mais ainda, esse modo teórico de instituir os conceitos de forma e de substância, de acordo com a sua visão, permitiria admitir que as substâncias pudessem ser concebidas e abordadas independentemente das formas. A esse respeito, retomando e reformulando radicalmente, como dissemos, a proposição do seu texto de 1939 segundo a qual a substância não pode ser concebida e reconhecida senão por meio da forma, Hjelmslev (2013 [1953], p. 55) fala: “se conservarmos a terminologia de Saussure, temos então de nos dar conta – e justamente a partir de seus dados – de que a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente”.

O que o linguista dinamarquês busca mostrar é que, por mais que as formas independam das substâncias particulares em que se realizam e de que derivam – o que quer dizer que a substância, pressupostamente, não pode motivar ou gerar a forma, muito menos determinar a sua *funcionalidade* –, o nosso conhecimento e a própria existência das segundas dependem inteiramente da maneira como estão instituídas as primeiras em um dado sistema. Nesse sentido, a substância, para poder ser concebida, conhecida, reconhecida e, portanto, definida, é dependente da forma derivada que lhe é sobreposta, forma essa totalmente determinada pela função semiótica em que toma parte. Assim, temos, de um lado, *a forma e a substância da expressão* e, de outro, *a forma e a substância do conteúdo* (Hjelmslev, 2013 [1953]). Em última instância, o conceito de substância é definido de duas maneiras epistêmicas distintas, mas complementares e articuladas, ambas derivadas da linguística saussureana: de um lado, diz respeito, sub-repticiamente, às *substrata* de realização de uma forma – em relação à expressão – e, de outro, ao espectro total, tanto do pensamento quanto do som, de que derivam as primeiras. Reconhecemos aí, como apontamos, um esforço teórico de sistematização do que postulava o pensamento teórico de Saussure em relação ao aspecto constitutivamente formal do significante e do significado do signo linguístico.

Contudo, mais do que apenas sistematizar o que preconizara Saussure, entendemos que Hjelmslev se dedicou a especificar alguns pontos menos elucidados da teoria saussureana apresentada no *CLG*. Ao dizer que a expressão e o conteúdo comportam formas e substâncias,

também orienta no sentido de não haver possibilidade de conceber e de perceber que a função semiótica se instaura somente entre as formas e não entre as substâncias. Os funtivos que entram em jogo para a instituição do fato da significação não são nada além de formas que pertencem a uma língua enquanto um sistema formalmente funcional e que se articulam em um determinado processo. Todo funtivo, necessariamente, é uma forma que, por mais que se realize por meio de uma *substrata* particular – no caso da forma da expressão – e se derive de uma massa amorfa, é sistemicamente independente da substância por meio da qual se efetiva e da qual provêm, porquanto essa forma se refira intrinsecamente a uma função de que é dependente. Podemos afirmar, portanto, que *a função semiótica se institui entre a forma da expressão e a forma do conteúdo*, que são os funtivos daquela função (Hjelmslev, 2013 [1953]). Ao mesmo tempo, temos que entender que é a função semiótica que determina a formalização linguística das substâncias justamente por meio das formas: “são apenas as funções da língua, a função semiótica e aquelas que dela decorrem, que determinam sua forma” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 57).

Ademais, essa independência a que se refere a concepção de Hjelmslev (2013 [1953]), de acordo com o nosso entendimento, epistemologicamente se fundamenta sobre a assunção hjelmsleviana (Hjelmslev, 2013 [1953]), expressa claramente em certos momentos da sua teorização, do princípio da arbitrariedade sistematizado pela linguística de Saussure – em cuja teoria, como apontamos parcialmente, está epistemicamente vinculado à sistematização da distinção entre forma e substância –, uma vez que, em primeiro, as formas da expressão são arbitrarias em relação às do conteúdo, porquanto se referam a partes diferentes da função semiótica, e que, em segundo, todas as formas são arbitrarias em relação às substâncias, por se referirem apenas às funções determinadas sistêmica e processualmente. Em relação, por exemplo, ao plano do conteúdo, a conclusão de Hjelmslev (2013 [1953]) é muito clara. Para ele, a “[...] a função semiótica institui uma forma em um de seus funtivos, a saber o conteúdo, a *forma do conteúdo* que, do ponto de vista do sentido, é arbitrária, e explicável apenas pela função semiótica de que ela é manifestadamente solidária” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 59).

Com isso, o linguista dinamarquês busca fugir dos erros e dos equívocos da tradição linguística novecentista. Ao vincular a função semiótica à forma e ao sistematizar o conceito de substância – diferindo, então, a substância enquanto um espectro total ou uma massa amorfa da substância linguística formalizada, das quais a forma é, aliás, também independente –, Hjelmslev lançou as bases para a fundação de uma teoria linguística passível de explicar e de descrever toda e qualquer língua específica, tanto independentemente das suas particularidades formais, através da delimitação apenas das funções gerais e dos princípios lógicos de funcionalidade que caracterizam uma língua enquanto estritamente um sistema funcional, quanto, principalmente, em relação às especificidades formais de cada uma. Desse modo, a glossemática procura lidar não com os aspectos característicos das substâncias em que se realiza a expressão de cada língua ou com as substâncias enquanto a totalidade dos planos das ideias e dos sons, mas com a série de formas delimitadoras do espectro total das substâncias do conteúdo e da expressão. O que lhe importa é justamente

o conjunto formalmente instituído de funções determinante da linguagem humana em geral e o modo específico de formalização de cada língua, e é isso o que se apresenta como o conjunto de interesses especificamente linguísticos.

É assim que, quando se refere, por exemplo, à forma do conteúdo, o linguista dinamarquês afirma que o *mesmo sentido*, isto é, o sentido enquanto uma substância, pode formar-se e estruturar-se “[...] diferentemente em diferentes línguas” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 57). E, logo, “[...] constatamos no *conteúdo linguístico*, em seu processo, uma *forma* específica, a *forma do conteúdo*, que é independente do *sentido*<sup>19</sup> com o qual ela se mantém numa relação arbitrária e que ela transforma em *substância do conteúdo*” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 57). Assim, um determinado conteúdo, independentemente da substância de que é derivado, é formalmente diverso (Hjelmslev, 2013 [1953]) em diferentes línguas, porquanto a formalização exercida por cada uma incide sobre uma zona específica do campo do pensamento em sua totalidade. O exemplo dado pelo linguista dinamarquês busca confirmar a sua concepção: ainda que tenha a manifestação do mesmo sentido enquanto substância, obtido pela abstração das particularidades formalmente linguísticas de cada língua, entre, em inglês, *I do not know* e, em francês, *Je ne sais pas* (Hjelmslev, 2013 [1953]), a forma é o que, tanto do ponto de vista disjuntivo – dos recortes paradigmáticos realizados pelas línguas –, quanto do conjuntivo – no interior de um dado processo –, deve interessar ao linguista, pois é o que se refere, de fato e de direito, à realização da função semiótica, já que “cada uma dessas línguas estabelece *suas fronteiras* na ‘massa amorfa do pensamento’ ao enfatizar *valores diferentes numa ordem diferente*” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 57, grifos nossos). Se a substância puder lhe interessar, será somente no caso de se tratar da substância formalizada pela forma, o único meio pelo qual efetivamente poderia abordá-la, como vimos acima.

E a mesma lógica aplica-se ao plano da expressão das línguas. Se há uma substância sonora em sua totalidade, que se apresenta como um conjunto indefinido, inarticulado e ilimitado de sons produzidos pelo aparelho fonador do ser humano, só pode ser pressuposta através da formalização linguística, por meio da delimitação concomitante da forma e da substância – *substrata* de realização – da expressão. De maneira semelhante ao modo como teoriza a respeito do que ocorre com a forma do conteúdo, Hjelmslev (2013 [1953], p. 59) define que há uma *zona* no contínuo amorfo dos sons em que se enquadram “[...] arbitrariamente<sup>20</sup> figuras (fonemas) em número variável segundo as línguas, uma vez que as

<sup>19</sup> Aqui, o termo *sentido* equivale à ideia de, nas palavras de Hjelmslev (2013 [1953], p. 56), “[...] uma massa amorfa, uma grandeza não analisada, definida apenas por suas funções externas”.

<sup>20</sup> A referência do linguista dinamarquês ao conceito de arbitrário da linguística saussureana – a que se vincula epistemologicamente, mais uma vez – vem confirmar o que anteriormente postulamos em relação ao que se expressa por meio da sua teoria: a substância não pode motivar ou gerar a forma. O que a produz é justamente o princípio da formalização linguística que caracteriza a função semiótica. No caso do plano da expressão, esse princípio se revela teoricamente explicativo quando, por ele, conseguimos mapear o exercício de uma delimitação formal em uma parte de toda a massa amorfa da substância sonora, por meio da qual se constitui o conjunto, quantitativamente limitado e qualitativamente diferenciado, de sons de uma dada língua. Também queremos apontar que a ideia de zona nos parece ser essencialmente importante, pois nos ajuda a identificar, enquanto uma teorização que busca dar conta do fenômeno geral da linguagem, uma série de línguas cujas

fronteiras se estabelecem em diferentes lugares do contínuo”. Tanto da perspectiva sistemática do recorte formal exercido pelas línguas do imenso espectro indefinido da substância sonora quanto do ponto de vista das relações encetadas entre as sílabas e os sons, como formas, em um determinado processo, o que é apresentado é uma especificação da natureza puramente formal das relações funcionais (Hjelmslev, 2013 [1953]) entre a expressão e as suas partes.

Assim, a formalização linguística da expressão, ao estabelecer os recortes e as fronteiras nas zonas da massa amorfa da substância sonora, gera as formas da expressão, que se realizam, em todas as suas ocorrências particulares – *hic et nunc* (Hjelmslev, 2013 [1953]) –, em substâncias enquanto *substrata* materiais. Ao se referir a exemplos específicos, o linguista dinamarquês conclui que os cortes formais na zona fonética “[...] se formam diferentemente nas línguas conforme suas funções específicas, e que, enquanto *substância* da expressão, ligam-se, através desse fato, à sua *forma* da expressão” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 60). No conjunto, retomando os pressupostos saussureanos, Hjelmslev (2013 [1953]) postula que o plano fonológico da língua é puramente formal, sem deixar de ser substancialmente estruturado, embora as formas sejam independentes, em sentido geral, das suas substâncias. Logo, “graças à extraordinária mobilidade da língua, as possibilidades que a linguagem pode utilizar são infinitamente grandes, mas permanece o fato característico de que cada língua coloca suas próprias fronteiras no interior dessa infinidade de possibilidades” (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 60). Agora, aparecem definidos dois *sistemas formais conjugados*: o da expressão, fonológico, e o do conteúdo, semântico (Hjelmslev, 1976 [1972]). Ambos se articulam a fim de se instituir a função semiótica:

[...] é em virtude da função semiótica, e apenas em virtude dela, que existem esses seus dois funtivos que se pode agora designar com precisão como sendo a forma do conteúdo e a forma da expressão. Do mesmo modo, é em razão da forma do conteúdo e da forma da expressão, e apenas em razão delas, que existe a substância do conteúdo e a substância da expressão, tal como um fio esticado projeta sua sombra sobre uma superfície contínua (Hjelmslev, 2013 [1953], p. 61).

Temos, portanto, a forma determinada por Hjelmslev (2013 [1953]) como um dado funtivo que contrai, no interior do sistema linguístico e em um determinado processo, uma função. E a forma é independente da substância porque é absolutamente determinada pelos modos de relação funcional que estabelece disjuntiva e conjuntivamente com outras formas da mesma natureza – expressão com expressão – e com outras de natureza diversa – expressão com conteúdo. Todavia, a realidade de uma forma é estabelecida, enquanto um funtivo de uma certa função, em uma interação complexa entre o sistema e o processo,

---

formas sonoras, em diversos dos seus aspectos, podem aproximar-se. É como se nos fosse dada uma ideia que nos permitisse reunir aquelas línguas sonoramente familiares. Se temos, na totalidade do campo da substância sonora, determinadas zonas relativamente delimitadas em que algumas línguas podem atuar exercendo os seus cortes formais, encontramos aqui uma ideia capaz de fundamentar uma análise que procure dedicar-se a mapear e a sintetizar aquele conjunto de formas sonoras comuns ou familiares nessas diferentes línguas articuladas.

interação em que o processo se apresenta, de fato, como uma realização e uma dependência do sistema e o meio pelo qual se institui, no sentido da linguística saussureana, *o fato lógico-gramatical da sintagmação* (Bouquet, 2000 [1997]) ou, nos termos da glossemática hjelmsleviana, da conexão, aquilo que é responsável pela realização da função semiótica através da relação conjuntiva entre as formas da expressão e as do conteúdo. Nessa interação cruzada e reguladora entre o sistema e o processo, o fato da equivalência – da associação, segundo o que é apresentado no *CLG* – entra em jogo como um pressuposto para a efetiva ocorrência do processo. É nessa interação que se encontra o princípio da instituição complexa da função semiótica, para a qual se relacionam as formas do conteúdo e da expressão, ambas como funtivos da sua correlata função.

### Considerações finais

Como, neste artigo, nada tendia à exauribilidade temática, o que propomos como considerações finais é, portanto, um conjunto de questões concernentes ao que viemos discutindo até o momento. A primeira, que nos parece ser extremamente importante, é aquela que diz respeito à complexidade do caminho que devemos percorrer para chegarmos relativamente perto da totalidade do significado teórico da ideia referente à diferença entre forma e substância na linguística de Saussure, totalidade essa que ainda necessita ser continuamente almejada para que venham à tona, através de outros trabalhos, as nuances e a profundidade da reflexão teórica do linguista genebrino. Sem assumirmos, por exemplo, a natureza psíquica ou psicológica da forma, tal como é indicado por Bouquet (2000 [1997]), a distinção saussureana não encontraria o seu devido lugar no seio tanto do plano epistêmico da sua teoria quanto da história das ideias linguísticas em geral.

A segunda se refere ao fato incontornável da eminente posição de Saussure na história do pensamento das ciências da linguagem. Sem negar a sua importância, precisamos relativizá-la, contudo, quando a comparamos com uma série de outras posições teóricas de linguistas cujas teorias foram se construindo contemporaneamente à do genebrino e que versaram sobre os temas comumente encontrados na linguística saussureana. O principal entre os muitos talvez seja Courtenay, um dos primeiros a sistematicamente afirmar, por exemplo, a natureza psíquica do componente fonológico, sistematização teórica que muito contribuiu para a fundação da fonética e da fonologia do século XX – em que também tomou parte, como nos parece evidente, Saussure. A diferença, porém, entre ambos quiçá se encontre na busca saussureana por uma síntese epistemológica capaz de subsidiar a criação de uma linguística geral, como aponta Bouquet (2000 [1997]). Isso tudo vem auxiliar-nos no delineamento de uma possível reconfiguração do quadro geral da história da linguística, bem como no reconhecimento de que Saussure se tratava de um cientista da linguagem cuja reflexão se encontrava em relação com as teorias da sua época, positiva ou negativamente.

Como uma terceira questão, temos a relação encetada por Hjelmslev com Saussure. É objetivamente evidente, de acordo com o que mostramos, a influência saussureana na teoria

hjelmsleviana. Mas, mais do que sistematizar os postulados teóricos da linguística de Saussure, Hjelmslev dedicou-se a especificar, a ampliar e a reformular determinados pontos do saussureanismo, a fim de que pudessem adequar-se ao quadro terminológico e ao plano epistêmico da sua glossemática. No *PTL*, a distinção saussureana entre forma e substância, que vinha sendo debatida pelo linguista dinamarquês desde o seu texto de 1939, constitui-se como um dos pilares de toda a teoria ali instituída e sistematicamente organizada, ainda mais ao se vincular epistemicamente, de modo específico, ao conceito de função, um dos mais importantes componentes epistêmicos da glossemática hjelmsleviana. Em um ponto particular, o que diferencia, porém, a glossemática de Hjelmslev é o fato de não ter assumido o pressuposto saussureano da natureza psíquica ou psicológica da forma, um tema para outros trabalhos.

O conceito de função, por sua vez, é demasiadamente importante também para a visão metodológica almejada pelo projeto glossemático, uma vez que constitui e regula o procedimento empírico de análise e de comutação, de maneira a de permitir a determinação das unidades linguísticas, aprioristicamente definidas, que, em termos funcionais, fundam relações delimitadoras entre si, sistêmica e processualmente. Essa perspectiva metodológica da glossemática hjelmsleviana é, ao mesmo tempo, totalmente dependente do fundamento galileano a que anteriormente nos referimos, dado o fato de se encontrar estabelecida epistemicamente por um ponto de vista apriorístico. Temos, logo, uma metodologia sustentada por um critério epistemológico apriorístico, que torna possível o estabelecimento de uma análise dedutiva do fenômeno. A glossemática é, portanto, epistemológica e metodologicamente galileana, tanto do ponto de vista de tratar-se de uma teoria constituída de maneira relativamente independente de fatos ou de fenômenos empíricos específicos quanto do ponto de vista de pressupor que o linguista glossemático deve partir dessa teoria aprioristicamente concebida em direção à análise e à experiência.

Conquanto a clareza da sistematização do linguista dinamarquês nos leve a perceber muitas diferenças teóricas entre a sua glossemática e a linguística de Saussure, o que nos é dado a ver, no fundo, é uma relativa, mas profunda dependência da sua teoria dos postulados do pensamento do linguista genebrino. Essa dependência não significa, contudo, uma falta de autonomia ou uma submissão teórica completa por parte de Hjelmslev. Ao contrário, antes revela um linguista cuja atividade científica e cuja prática reflexiva se inserem no seio da tradição, buscando dali retirar criticamente aquilo que possa vir a se adequar aos princípios de racionalidade científica e ao modelo epistemológico assumidos pela sua teoria. E, no que se refere a esse último ponto, podemos considerar a glossemática hjelmsleviana como uma autêntica herdeira do galileanismo científico pelo qual se caracterizou uma parte substancial da reflexão saussureana. Neste artigo, não conseguimos, infelizmente, delinear os fundamentos dessa última questão, que é, demasiadamente ampla e complexa como nos parece ser, uma das mais importantes para a história da linguística e para a epistemologia da linguística geral. Esperamos, contudo, que tenhamos lançado um pequeno feixe de luz sobre uma relação muitas vezes presumida, mas não muito analisada, e que tenhamos esclarecido



minimamente, assim, a importância da repercussão da distinção saussureana entre forma e substância na teoria linguística de Hjelmslev.

## Referências

- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução: Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000 [1997].
- CAMARA JR., J. *História da linguística*. Tradução: Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Revisão e comentários de Valdir Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero. Petrópolis: Editora Vozes, 2021 [1975].
- COURTENAY, J. O Fonema. In: GARAY, R. Baudouin de Courtenay e *O Fonema. Cadernos de Tradução*, n. 45, p. 6-14, 2020 [1899].
- COURTENAY, J. The Difference between Phonetics and Psychophonetics. In: COURTENAY, J. A *Baudouin de Courtenay Anthology – The Beginnings of Structural Linguistics*. Tradução: Edward Stankiewicz. Bloomington: Indiana University Press, 1972 [1895].
- DE MAURO, T. Notizie biografiche e critiche su F. de Saussure. In: SAUSSURE, F. *Corso di linguistica generale*. Tradução: Tullio de Mauro. 19. ed. Bari: Editori Laterza, 2005 [1967].
- DOSSÉ, F. *História do Estruturalismo*. v. I. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora UNESP, 2018a.
- DOSSÉ, F. *História do Estruturalismo*. v. II. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora UNESP, 2018b.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dizionario enciclopedico delle scienze del linguaggio*. Tradução: Giovanni Caravaggi. Milão: ISEDI, 1972.
- HJELMSLEV, L. Forme et substance linguistiques. In: HJELMSLEV, L. *Essais linguistiques II*. Copenhagen: Nordisk sprog- og kuhurforlag, 1973 [1939]. p. 99-100.
- HJELMSLEV, L. Langue et parole. In: HJELMSLEV, L. *Essais linguistiques I*. [S. l.: s. n.], 1959 [1943]. p. 69-81.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução: J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1953].
- HJELMSLEV, L. *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*. Tradução: Berta Pallares de R. Arias. Madrid: Editorial Gredos, 1976 [1972].
- KOERNER, E. *Ferdinand de Saussure: Origin and Development of his Linguistic Thought in Western Studies of Language. A Contribution to the History and Theory of Linguistics*. 1971. 453 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Modern Languages, Simon Fraser University, Burnaby, Canadá, 1971.
- KOYRÉ, A. Galileu e a revolução científica do século XVII. In: KOYRÉ, A. *Estudos de história do pensamento científico*. Tradução: Márcio Ramalho. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011 [1955]. p. 197-213.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021 [1916].

**A repercussão da distinção saussureana  
entre forma e substância na teoria linguística  
de Hjelmslev**

**Fábio Luiz de Castro Dias  
Marco Antonio Villarta-Neder  
Helena Maria Ferreira**

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. Organização e edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004 [2002].

Recebido em: 10/04/2023.

Aceito em: 08/07/2023.